



## **10º Congresso de Pós-Graduação**

### **(RE)SIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA PELA MEDIAÇÃO DA PESQUISA EM PRÁTICAS DE ENSINO**

#### **Autor(es)**

---

JOANICE VICENTE CASEMIRO

#### **Co-Autor(es)**

---

DEUZA DOS SANTOS CAMARGO

#### **Orientador(es)**

---

CLAUDIA BEATRIZ DE CASTRO NASCIMENTO OMETTO

#### **1. Introdução**

---

Este artigo, fruto de uma pesquisa inicial realizada em uma disciplina cursada no programa de pós-graduação em educação stricto sensu, na Universidade Metodista de Piracicaba, pretende abordar a questão do desenvolvimento humano em uma perspectiva vygotskyana, o que nos remete ao estudo das relações sociais, portanto culturais, que se desenvolvem no decorrer da história do sujeito. Sabe-se que em muitas escolas as práticas pedagógicas estão pautadas, ainda, em um olhar do professor que, na maioria das vezes, desconsidera o que os alunos já sabem, limitando a aprendizagem ao simples fato de responder aquilo que lhes é perguntado. Esquece o educador, muitas vezes, que os alunos são sujeitos em relações, inseridos em uma dinâmica interativa, em condições específicas de produção. Neste sentido, acreditamos que os educandos devam ser respeitados e cabe ao educador propiciar condições para que possam (re)construir a própria realidade. Como sujeitos que se constituem intersubjetivamente, mediados pela cultura, professores e alunos estão situados no tempo e na história, o que nos remete ao estudo da obra de Vigotski, para o estabelecimento de um novo olhar. Este autor defende a necessidade de uma ruptura existente na psicologia até então praticada, pois defende que apenas o aparato biológico do sujeito não atende à suas necessidades básicas de sobrevivência. A criança nasce em um mundo cultural, povoado de significados e sentidos já em circulação antes de sua chegada. É o adulto que lhe nutre em suas necessidades básicas ao mesmo tempo em que possibilita a incorporação de significados e sentidos, objetos e modos de agir das gerações precedentes. Para tal, discutiremos, a partir de uma situação pedagógica, as relações existentes entre o social e o cultural no processo de significação dos sujeitos, tanto acerca dos conteúdos escolares, quanto de si mesmos nas relações que os envolvem.

#### **2. Objetivos**

---

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a prática pedagógica no que se refere ao olhar do professor sobre seus alunos e sobre si mesmo como possibilidade de condução do trabalho pedagógico por compreender que, Vigotski explicita que as características tipicamente humanas não são inatas, genéticas, mas sim o resultado de uma interação dialética do homem em seu meio sócio-cultural. As funções culturais, segundo Vygotsky (1989), seguem a lei denominada por ele de lei genética geral do desenvolvimento cultural, ou seja, cada função no desenvolvimento da criança aparece em cena duas vezes. Primeiramente no plano social e posteriormente no plano individual. Assim, entendemos que a escola é espaço de extrema relevância para a o desenvolvimento humano, ou seja, há que se compreender que no processo de internalização, ou, da passagem das formas sociais das relações entre as pessoas (plano

interspíquico) para as formas individuais da atividade psíquica (plano intrapsíquico) o professor deva considerar as relações de ensino como um acontecimento intersubjetivo nas quais diferentes saberes se articulam em função da produção de um novo conhecimento a ser apropriado pelos sujeitos. Dentro de um sistema social, e, portanto, também dentro da sala de aula, na escola, a relação entre os sujeitos adquire um significado próprio através da internalização, e ela somente acontece através da mediação. Aponta-nos, neste sentido, Fontana: (...) é no curso de suas relações sociais (atividade inter-pessoal) que os sujeitos produzem, se apropriam (de) e transformam as diferentes atividades práticas e simbólicas em circulação na sociedade em que vivem, e as internalizam como modos de ação/elaboração próprios (atividade intra-pessoal), constituindo-se como sujeitos (FONTANA, 1991, p.7). O professor ao mediar as relações de ensino deve ter um olhar e uma escuta contínua e dialógica, o que possibilitará que o aluno se reconheça, também, como participante do ambiente escolar de forma acolhedora e instigante para novas aprendizagens. Essa postura frente ao processo educativo abre espaço para reflexões recíprocas possibilitando que os sujeitos reflitam sobre suas próprias histórias, transformando-as e (re)significando-as. Segundo Fontana: Inserida num contexto cultural historicamente constituído e significante, a criança desde seus primeiros momentos de vida, está imersa em um sistema de significações sociais. Os adultos procuram ativamente incorporá-la à reserva de significados e ações elaborados e acumulados. Na mediação do/pelo outro revestida de gestos, atos e palavras (signos) a criança vai incorporando, ativamente, as formas de atividade consolidadas (e emergentes) de sua cultura, num processo em que pensamento e linguagem articulam-se dinamicamente. A palavra, com suas funções designativa, analítica e generalizadora (Luria, 1987) é mediadora de todo o processo de elaboração da criança, objetivando-o, integrando e direcionando as operações mentais envolvidas. (FONTANA, 1991, p.13) Assim, não basta aplicar atividades escritas para medir conhecimentos, mas propiciar momentos de interação e de interlocução nos quais os sujeitos possam se posicionar, inclusive, de modo extra verbal, ou seja, ao enunciarem o que sabem ou deixam de saber, seus gestos e olhares também dão a ver ao professor seus modos de significação acerca do que está sendo trabalhado. Ao estudar a formação das funções mentais superiores, Vigotski apresenta a ideia que o ser humano é natural/biológico e, ao mesmo tempo, cultural/histórico. Tais funções são dialéticas, ou seja, as funções biológicas são transformadas em cultura. É pelos processos de ensino, quer sejam assistemáticos ou sistemáticos, que os sujeitos entram em contato com os conhecimentos produzidos historicamente. Passaremos agora a discutir as relações de ensino como possibilidade de desenvolvimento cultural dos sujeitos.

### 3. Desenvolvimento

---

Dadas as condições do homem como ser que não simplesmente se adapta à natureza, mas transforma-a com a intenção de atender suas necessidades, sua ação transformadora modifica suas relações com o ambiente e consigo mesmo. Essa ação transformadora é considerada o trabalho. Cortella (2002) chama a nossa atenção para o fato de que o trabalho é conseqüência de um agir intencional do homem e tem como finalidade a alteração da realidade e criação de um ambiente que possibilite a sobrevivência da espécie humana frente a sua fragilidade. A partir das ideias de Vigotski e dos conceitos marxistas que embasam suas teorias, concordamos com Cortella (2004) que é através do trabalho que se produz cultura e é pela cultura que o homem se hominiza, ou seja, segundo o próprio autor não devemos confundir o termo hominização com o conceito de humanização. Segundo ele, hominização é um termo que expressa [a] noção de humano produzir-se, produzindo Cultura e sendo por ela produzido [já o conceito de] humanização, [...] é um conceito ético que indica o processo de criar condições de vida mais dignas para as pessoas como um todo. (CORTELLA, 2004, p.43). Cortella (2004) ainda nos aclara quando discorre sobre a simultaneidade do aparecimento do humano e da cultura, apontando que não há dissociação. O homem, por meio do trabalho produz cultura e os próprios produtos culturais gerados pelo homem através da cultura se inter-relacionam e se interdependem no mundo das ideias e das coisas, gerando bens de consumo e bens de produção. Segundo o autor, o bem de produção mais importante é o próprio homem, evidentemente, sem ele, nada faria sentido. No entanto, para que sua história seja transmitida e reconstruída, o bem de produção que garante a perpetuação da cultura humana para as gerações vindouras é o conhecimento. Importante se faz ressaltar que a educação está presente em todas as relações sociais, porém sua transmissão dá de forma assistemática. Embora ao longo da história humana o veículo de transmissão do conhecimento sistematizado tenha sido diverso, na atualidade, e especialmente na civilização ocidental, a escola tem desempenhado este papel. Neste sentido, olhar para as relações de ensino, na escola, é já uma escolha metodológica, visto que o próprio Vygotsky (1989) enfatizou que a procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo (VYGOTSKY, 1989, p.74) Olhar para o que acontece na sala de aula, durante o desenvolvimento de atividades que possibilitem ao sujeito a apropriação de um novo conhecimento foi o nosso foco de atenção. Para tal, registramos os dados em diário de campo, bem como trouxemos para uma tentativa de análise uma prática pedagógica vivida por uma das pesquisadoras.

### 4. Resultado e Discussão

---

A coleta de dados foi realizada em um nono ano do Ensino Fundamental II, sendo uma das pesquisadoras a responsável pelo Ensino de Língua Portuguesa da referida turma. Os dados foram obtidos, no início do ano letivo de 2012, através de uma atividade desenvolvida de forma a permitir traçar uma análise preliminar do conhecimento prévio dos alunos no que se refere à produção de

textos. A atividade, neste primeiro momento, seria a elaboração de um texto com o tema A escola Pública em discussão: A escola que tenho e a Escola que eu quero ter. Percebeu-se que após uma breve interlocução sobre o tema, um dos alunos não produziu o texto alegando não saber escrever. A professora, movida pelo desejo de ensiná-lo buscou mais informações sobre sua história pessoal e escolar. O aluno, para própria sobrevivência, trabalha com lixo, muitas vezes vindo para a escola sem o devido asseio, o que lhe deixa com odor forte e desagradável, provocando entre o grupo um processo de rejeição para com o colega. A professora constatou que muitas vezes o aluno deixa de realizar suas atividades em outras disciplinas também, no entanto, se ao mesmo tempo em que não consegue realizar as atividades propostas, não deixa de comparecer à escola. Pareceu-nos um paradoxo. No entanto isso indiciou-nos o quanto ele ainda pode acreditar na escola como possibilidade de uma modificação de sua própria condição de vida. Neste sentido, reconhecer a realidade dos alunos e o que a escola significa para eles se mostra relevante para que o professor possa vir a atender suas necessidades de forma a contribuir na sua formação leitora e escritora. Diante disso, a professora levou à aula dois textos sobre reciclagem de lixo, Reciclagem e Coleta seletiva em casa, iniciando com a leitura dos textos, explicando e ressaltando a importância da reciclagem e o quanto essa mudança no comportamento das pessoas poderia contribuir para o meio ambiente. Em seguida, a professora conduziu um debate aberto sobre o tema. Neste momento, o aluno excluído participou ativamente da interlocução, chegando, inclusive, a demonstrar conhecimentos acerca do assunto. Os colegas ouviram-no atentamente e, ao final da discussão, a professora solicitou novamente um texto escrito. Cabe ressaltar que o aluno em questão não quis produzir o texto, no entanto, havia participado ativamente da proposta anterior. Essa vivência foi dando a ver para a professora a importância do processo de mediação vivido e compartilhado em sala de aula, abrindo espaço para a interlocução. Mediados pela linguagem e pelos sentidos postos em circulação, professora e alunos puderam re-conhecer os saberes uns dos outros. Neste processo foi possível trazer para a interlocução o aluno que não se dizia. Não se dizia em palavras escritas pela produção de textos mas pode se dar a ver, de forma oral, pelo conhecimento que detinha. Ainda que o aluno não fosse alfabetizado não soubesse ler e escrever em sua dimensão técnica ele foi capaz de participar da atividade proposta. Neste sentido, há que se ressaltar que a mediação se dá no encontro com o outro, possibilitando o acesso aos bens culturais já elaborados pelos sujeitos. É essa a possibilidade de ensinar e aprender. Vygotsky (1984) nos ensina que os processos de aprendizagem e desenvolvimento caminham juntos, ainda que no bom ensino a aprendizagem preceda ao desenvolvimento. O desenvolvimento cultural da criança é o processo pelo qual ela irá apropriar-se das significações atribuídas pelos homens às coisas. Para Vigotski, segundo Daniels (2003), a relação de significação no homem não é direta, mas mediada pelo outro, através dessa relação ocorre à representação simbólica, semiótica. Ao término do primeiro bimestre, a professora observou que o aluno estava interagindo com os colegas, pois havia se percebido de outra maneira como integrante do grupo. Mostrava-se participativo nas atividades em sala de aula.

## 5. Considerações Finais

---

Iniciar um texto de considerações finais nos leva a olhar novamente para o processo vivido abrindo espaço de reflexão para novos inícios... Se entendermos a educação como um processo de autotransformação que se opera em qualquer relação social, como uma transformação no sentido subjetivo, a escola, parece-nos, é um espaço profícuo para que os sujeitos se modifiquem. Modifiquem suas relações em termos de desenvolvimento, em termos de relacionamento, em termos de se colocarem e serem colocados no mundo. Olhar para o processo mostra-se relevante uma vez que, segundo o próprio Vygotsky (1984) os processos são prioritários em relação aos resultados, visto que os resultados, em si mesmos, nada ou pouco dizem das condições em que foram produzidos e dos efeitos das mediações recíprocas no curso de sua configuração. Há que se ressaltar que se inicialmente o olhar da professora estava voltado para uma pesquisa com e sobre os alunos, após as reflexões aqui tecidas, possibilitadas pelos registros da professora que se preocupou em realizar uma pesquisa, ao término desta reflexão, fomos percebendo uma mudança de olhar da professora: nossos alunos nos afetam também. Nas relações de ensino vamos-nos (auto)transformando e mudamos nossa forma de ser e estar com o outro.

## Referências Bibliográficas

---

BRASIL (1998) Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF.

CORTELA, Mario Sergio. A escola e o conhecimento. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

DANIELS, H. Vygotsky e a Pedagogia. S. Paulo: Edições Loyola, 2003.

DUARTE, N. Vygotski e o aprender a aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados.

FONTANA, R.A.C. A elaboração conceitual na dinâmica nas relações de ensino.1991.252f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas,1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GERALDI, João Wanderley. (org.) O texto Na sala de aula Leitura e produção de texto. 4ª ed. Cascavel PR: ASSOESTE, c1984.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. Revista Educação e Sociedade,n.71.CEDES,Julho de 2000. (p.261-284).

VYGOTSKY, Lev. A formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.